

Pierre Gourou, civilização e trópicos

Pierre Gourou, civilization and tropics

Pierre Gourou, civilización y trópicos

Pierre Gourou, civilisation et tropiques

Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2256>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.2256

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim, « Pierre Gourou, civilização e trópicos », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 9 | 2017, posto online no dia 29 dezembro 2017, consultado o 15 novembro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2256> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.2256

Este documento foi criado de forma automática no dia 15 novembro 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Pierre Gourou, civilização e trópicos

Pierre Gourou, civilization and tropics

Pierre Gourou, civilización y trópicos

Pierre Gourou, civilisation et tropiques

Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim

L'Amazonie fut toujours un pays de légendes; et c'est tout d'abord à une légende que'elle doit son nom, c'est-à-dire celui de son fleuve. Car personne n'a jamais vu ces Amazones dont l'expédition d'Orellana, la première qui ait parcouru le grand fleuve, a fait une description qui a tant charmé les imaginations.

Pierre Gourou, *L'Amazonie. Problèmes géographiques*, 1949.

Uma trajetória do Sudeste Asiático à Amazônia

- 1 Talvez o interesse de Pierre Gourou pela geografia do mundo das antigas colônias francesas tenha uma pequena relação com sua própria biografia. Nascido em 31 de agosto de 1900 em Túnis e falecido em Bruxelas, no dia 13 de maio de 1999, Pierre Gourou inicia sua trajetória acadêmica com a publicação de *Le Tonkin* (Gourou, 1931) e *Les paysans du delta tonkinois* (Gourou, 1936),¹ sua tese, defendida sob a direção de Albert Demangeon (Claval, 2007: 297-298). Seus trabalhos iniciais sobre a então Indochina – num paralelo com a presença de Monbeig no Brasil² – resultam de vários anos de experiência de trabalhos de campo e docência no liceu Albert-Sarraut, em Hanói (1927-1936), após sua formação acadêmica inicial, realizada em Lyon (1918-1920) e uma docência de seis anos no liceu Carnot, em Túnis (1920-1926).³
- 2 Pierre Gourou foi indicado em 1936 para uma cadeira na Universidade Livre de Bruxelas, mesma instituição onde Élisée Reclus ensinara, porém, a guerra alteraria sua trajetória. Engajou-se às fileiras da Resistência Francesa, fase em que lecionou nas universidades de

Montpellier (1940-1942) e Bordeaux (1942-1945), cuja Faculdade de Letras foi epicentro, em conjunto com o Instituto da França de Além-Mar e a Sociedade de Geografia Comercial de Bordeaux, das pesquisas em Geografia Tropical, fomentadas por instituições como o Escritório de Pesquisa Científica de Além-Mar (ORSOM),⁴ Centro de Estudos de Geografia Tropical⁵ e periódicos como os *Cahiers d'Outre-Mer*, publicados a partir de 1948.

- 3 A partir dessa época, começaria a se esboçar a geografia tropical, num ambiente universitário no qual estavam presentes, além de seu colega, Louis Pappy, seus alunos (vários deles posteriormente cétricos em relação aos trabalhos de Gourou), como Guy Lasserre e Paul Pélissier (Claval, 2007: 299).
- 4 Sob o impacto nos meios geográficos de seu então recém-lançado *Les pays tropicaux - principes d'une géographie humaine et économique*, cuja primeira edição viera à luz em 1947, Gourou (1969) conheceu um “grande sucesso, que [lhe] valeu (...) a criação de uma cadeira de Estudos do Mundo Tropical (geografia física e humana) no Collège de France” (Bruneau, 2000: 16), cargo que ocupará até 1970, sempre paralelamente à universidade de Bruxelas e intermediado por diversas experiências “além-mar”: Brasil, Senegal, Congo, etc.
- 5 As gigantescas transformações pelas quais os países ditos subdesenvolvidos passaram após a 2ª Guerra marcaram a fase final da carreira de Gourou, seja por algumas readaptações em suas formulações, seja pelo papel que deverá assumir perante as críticas sofridas em relação à sua obra já a partir dos anos sessenta, mas, sobretudo, nos anos seguintes.

Geografia tropical?

- 6 Quais teriam sido as contribuições de um geógrafo a quem, na década de 1950, o poeta caribenho Aimé Césaire (2006: 14) alcunhara como “cão de guarda do imperialismo”?
- 7 Para Aimé, não havia dúvidas: Gourou seria categórico ao considerar que nunca teria existido no “mundo tropical” uma grande civilização, provindo o “germe” das grandes civilizações sempre do cenário europeu.
- 8 Vejamos.
- 9 Primeiramente, deve-se evitar, como sugerem Bruneau; Courade (1984b), rotular a Geografia Tropical como uma linha coesa de pesquisas, uma “corrente”, sendo aceitável utilizar tal expressão apenas de forma genérica, pois inúmeros são os geógrafos cujos objetos de estudo fazem parte de um suposto mundo tropical, sendo, assim, o critério de “zonas climáticas” absolutamente frágil para caracterizar um ramo da geografia. No mesmo tom, Solotareff (1996: 252-254) partilha da opinião segundo a qual seria limitada a coesão de uma “corrente tropicalista”, notando-se, ao invés, alguns temas que persistiram entre os geógrafos franceses: a preferência por estudos verticais (as análises de pequena escala; locais), pelo mundo rural, e pelos tempos de “longa duração”⁶ – sendo esse um dos primeiros paradoxos dos estudos “tropicais”, dada a velocidade de penetração das relações capitalistas em países asiáticos, africanos e latino-americanos.
- 10 As “regiões tropicais” surgem como alvo de interesse dos geógrafos em congressos internacionais no período entre guerras, como no XIII Congresso Internacional de Geografia (Paris, 1931) e no XV Congresso (Amsterdã, 1938), despertando o mundo tropical um interesse entre os geógrafos ainda sob um enfoque muito próximo àquele da

- antiga geografia colonial de Marcel Dubois⁷ (Solotareff, 1996: 244), eurocêntrica e permeada por uma leitura da geografia como saber aplicado aos interesses das metrópoles (Broc, 1978).
- 11 A suposta virada da geografia colonial para a geografia tropical – afora traços de continuidade sugeridos por alguns autores (Broc, 1978) – poderia ser atestada inicialmente pelo simples fato de passar-se a enfatizar “o impacto dos europeus sobre as regiões colonizadas” (Gallais, 1981: 130-131).
 - 12 Na opinião de Marion Solotareff (1996: 250):

A passagem da geografia colonial [à] tropical [...] se traduz [...] no plano intelectual por uma profunda evolução da qual alguns traços nos parecem essenciais: desde seu início, a geografia tropical abandona o determinismo aplicado às populações locais, empreendendo o estudo das regiões tropicais em si mesmas e não mais sob a ótica do colonizador – na esteira da corrente culturalista que perpassa o conjunto das ciências humanas em meados do século XX – e levando em conta a dimensão do tempo longo, como os sucessores imediatos de Vidal haviam feito para as regiões do velho continente.
 - 13 Numa época em que a influência de Vidal de La Blache marcara toda uma produção de monografias regionais sobre a França, Pierre Gourou empreendeu – como questão de método – a perspectiva de estudo do *mundo tropical* recorrendo frequentemente à influência da Escola dos Anais, de Lucien Febvre e Fernand Braudel e, igualmente, à geografia médica, em estreita sintonia com o pensamento de Max Sorre.
 - 14 “Ignorada pela geografia colonial”, as paisagens tropicais tornam-se objeto de investigação, sendo valorizado o “homem como fator geográfico” (Solotareff, 1996: 249). A geografia de Pierre Gourou, assim seria assim uma “análise das paisagens humanizadas”, às quais estariam conectadas ao meio natural, tendo – isso é fundamental – a interposição de um terceiro elemento, a civilização (Bruneau, 2000: 11-12).
 - 15 Em artigo publicado na Revista Brasileira de Geografia do IBGE, o autor destacava que

(por) civilização entendo unicamente o que é diretamente útil ao geógrafo, isto é, de início, as técnicas de exploração da natureza, técnicas agrícolas e técnicas industriais e, em seguida, a maior ou menor aptidão para a organização do espaço. Os elementos humanos da paisagem não podem ser explicados sem se levar em conta as técnicas mais ou menos variadas e mais ou menos aperfeiçoadas; por outro lado não serão os mesmos no caso de uma civilização que não tenha elevado sua capacidade organizadora acima do território dum vilarejo e no caso duma civilização criadora de um império. (Gourou, 1948a: 297-298)
 - 16 Gourou (1948a: 296) rejeitava veementemente “uma relação simples de causa e efeito entre o físico e o humano”. Embora considerasse a geografia geral como “consciência universal dos geógrafos” (Gourou, 1948a: 296), devemos pontuar que os estudos tropicais sempre mantiveram a perspectiva localista. Nesse sentido, uma contribuição de Gourou e seus discípulos foi a minúcia do trabalho de campo, o que, se carrega uma relação com suas próprias proposições, coincidia com uma capacidade com o grande aparato que o governo francês possuía – por meio do IFAN (Instituto Francês da África Negra) e do serviço militar da Indochina –, exemplificado pelos levantamentos cartográficos e aerofotogramétricos (Claval, 2007: 300), o que não descartara a colossal pesquisa de campo de Gourou empreendeu ao estudar as civilizações de “tempo longo” do vale do Rio Vermelho.
 - 17 Nas próprias palavras de Gourou (1948a: 298), civilização seria conceito chave e explicativo para o geógrafo:

A civilização é o produto de muitas trocas resultantes dos deslocamentos dos povos ou dos contágios de pensamento e técnicas, é o produto de muitos processos de psicologia individual e coletiva para que seja lícito fazê-la derivar do meio físico local. O geógrafo considerará, portanto, a civilização como fator de explicação, como um dado exterior a seu próprio domínio de pesquisas. Ele a tomará como é, sem se importar em explicá-la pelo quadro físico onde provisoriamente (ela) se exerce.

- 18 Gorou (1948a: 298-299) assumia literalmente o conceito de possibilismo: o homem utilizaria do “meio físico, mas por intermédio de uma certa civilização”, sendo esta “a chave que abre ao homem certas possibilidades, mas que pode perfeitamente ser incapaz de dar-lhe acesso a outras possibilidades”, pois, num mesmo “quadro físico”, civilizações diferentes ostentariam “uma geografia humana diferente”.
- 19 Meio século depois, em 1995, Gourou (Claval, 2007: 305) confirmaria sua concepção de geografia, inovadora à época, segundo a qual, ao invés de se debruçar sobre os gêneros de vida ou sobre as estruturas regionais, voltar-se-ia para a análise das técnicas de produção e de organização social.
- 20 Se nosso poeta (Cesaire, 2006) sobressaltava-se com as afirmações de Gourou (1969) sobre as dificuldades postas pelas condições de saúde, solo etc. para as economias “tropicais”, autores como Arnold (1996), Claval (2007) e Raison (2009) não entendem que o geógrafo franco-tunísiano advogasse pela condenação do mundo tropical, mas sim, que sua geografia tropical buscasse um caminho que permitisse – como se diria nos anos de 1960 – a superação do subdesenvolvimento.
- 21 Em 1968, foi fundado o CEGET (Centro de Estudos de Geografia Tropical), em Bordeaux,⁸ laboratório que passa a editar – e até o presente – os *Cahiers d’Outre-Mer*; porém, exatamente nessa época marcam-se algumas clivagens. Segundo Claval (2007: 314-315), a geração dos “tropicalistas” como Bruneau; Courade (1984a; 1984b) e outros, como Suret-Canale (numa via mais marxista) são a expressão de uma longa crise a respeito das posições de Gourou. Clayton; Bowd (2006) (autores inseridos numa crítica pós-colonial) salientam que, a partir dos anos de 1960, surgem em língua inglesa perspectivas voltadas para a problemática econômica dos países do terceiro mundo (como em trabalhos de B. W. Hodder, um profícuo autor dedicado aos estudos econômicos sobre os trópicos), ao que podemos acrescentar certas interpretações da Geografia Ativa, de Pierre George, Yves Lacoste e outros (George, *et al*, 1964; Lacoste, 1965).⁹
- 22 Os citados Clayton; Bowd (2006: 209-210) reforçam a proposição de Arnold (1996) segundo a qual haveria um paralelo a geografia tropical e o orientalismo, tal como proposto por Said – a “tropicalidade” sendo um discurso voltado para a afirmação de um “mundo” estereotipado (e inferiorizado) em relação à Europa. Noutra perspectiva, Bruneau; Courade (1984b: 313) afirmam que, ao privilegiar a análise das sociedades sob o prisma das técnicas e privilegiando as formações de “longa duração”, Gourou esvaziara em seus trabalhos a história das formações sociais, as relações de classe e a dimensão política e econômica dos fenômenos geográficos.
- 23 Logicamente, houve um prosseguimento inegável no que se refere às preocupações da geografia e de instituições francesas em relação ao outrora “mundo” colonial – nele também compreendida a América Latina, “encarada segundo um recorte por Estados”, não evidenciando a “tropicalidade” como tal, mas trazendo a problemática dos “países novos”; os fatores de ordem econômica ocupando “um lugar privilegiado nos estudos [...] estando as condições naturais relegadas a um segundo plano” (Solotareff, 1996: 247).

- 24 Em suma, a estimulante obra de Gourou – marcada por profunda erudição e pela espantosa carga empírica, advinda de exaustivos trabalhos de campo – trouxe para a geografia, dentro de uma tradição vidalina, o estudo das relações entre os grupos humanos e a natureza por meio da análise das paisagens humanizadas, graças ao aporte dos conceitos de civilização e longa duração – caros à Escola dos Annales –, indicando uma preocupação (ainda que alicerçada nas técnicas) com as formações sociais dos países fora do cenário europeu (ou estado-unidense), abrindo caminho, inclusive, para questões bastante contemporâneas, como a vivência e a percepção do “espaço”; não à toa, sua obra hoje sendo foco de revisões e investigações no âmbito da circulação de ideias e da transculturação.
- 25 É instigante notar que, à exceção de Claval (2007), comentadores da obra de Gourou, como Gallais (1981), Bruneau; Courade (1984a) e Bruneau (2000) nem ao menos mencionam a experiência – ainda que breve – do geógrafo francês no Brasil. Não é ocioso aqui repetir sobre a amplamente reconhecida influência francesa na institucionalização dos primeiros cursos universitários de geografia no Brasil, seja na Universidade de São Paulo (Massi, 1991), seja na antiga Universidade do Distrito Federal (UDF) (Machado, 2002). Pierre Monbeig permaneceu por onze anos em São Paulo (1935-1946) e Pierre Deffontaines lecionou na USP (1934-35) e na UDF (1936-38). Justamente, em 1948, com o retorno de Monbeig à França, Gourou assumiu a cadeira de geografia humana na Universidade de São Paulo, episódio que inaugura sua breve, mas rica experiência vivida no Brasil.

A experiência brasileira

- 26 Renato Silveira Mendes (1950) defendeu em 1948 a única tese em geografia orientada na Universidade de São Paulo por Pierre Gourou, quando este assume o lugar de Monbeig. *Paisagens culturais da Baixada Fluminense* foi uma tese considerada de grande originalidade à época, analisando as paisagens canavieiras da referida região, com marcada influência de Pierre Deffontaines, Preston James, Carl Sauer etc., podendo-se supor que a assinatura de Gourou estaria aí presente na opção dos estudos das paisagens humanizadas como escopo principal da geografia.
- 27 Mas, afora a ligação de Gourou com a USP, há certamente uma influência de suas propostas nos trabalhos de planejamento territorial empreendidos durante a Era Vargas (1930-1945/1951-1954), com o intermezzo da nova constituinte (1945-1946) e do governo Dutra (1946-1951).
- 28 Expressão geográfica do Estado e então tendo predominantemente engenheiros nos seus quadros profissionais, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1938) assumiu desde seus momentos iniciais a dupla tarefa de esquadrihar cartograficamente o território e dele arrolar os dados mais importantes, visando ao planejamento. Nesse sentido, apontam-se na primeira década de circulação da Revista Brasileira de Geografia (RBG) (1939-1950) regiões privilegiadas de intervenção: o Vale do Rio São Francisco e a Amazônia. A partir de indicações da Constituição de 1946, criaram-se instituições e agências voltadas para um claro recorte regional, para o qual se firmou no início da década de cinquenta a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, cujos diagnósticos apontavam, dentre outros problemas, para a urgência de ocupação da Amazônia.
- 29 A Comissão Técnica-Mista Brasileira-Americana de Estudos Econômicos (Comissão Mista Brasil-Estados Unidos – CMBEU), respondendo a evidentes interesses geopolíticos norte-

americanos pelo Brasil, vigorou oficialmente entre 1951 e 1953. O relatório da CMBEU empreendeu um diagnóstico da economia e dos pontos de estrangulamento da infraestrutura do país à época.

- 30 O relatório assinalava os pontos de estrangulamento impeditivos ao desenvolvimento nacional, salientando as dificuldades em promover a atividade industrial, primeiramente, de forma equalizada pelo território, pleno de desigualdades; em segundo lugar, devido a um entrave na questão energética, o Brasil era absolutamente carente em petróleo e o potencial hídrico era pouco aproveitado. Ademais, o Relatório dava o tom pessimista para a “integração nacional” – tema geopolítico e econômico tão caro aos geógrafos brasileiros.
- 31 Os diagnósticos norte-americanos não pareceriam ser muito favoráveis aos intentos dos planejadores brasileiros. Para os redatores dos documentos da CMBEU (2008: 302-303), justamente os entraves assinalados acima faziam com que à Amazônia fosse reservado o papel de fornecedora de matérias-primas agrícolas e minerais para a indústria. Pereira, em seu artigo na Revista Brasileira de Geografia (RBG) (1947), a despeito de salientar a qualidade das análises de Gourou sobre os solos e o aproveitamento da Amazônia como região de imenso potencial para a agricultura comercial, tecia críticas ao geógrafo francês, que pouco teria levado em conta a prática da pecuária na região e ainda consideraria a indústria como atividade viável no Brasil (ou na Índia e Indochina também) se empreendida somente às custas de práticas protecionistas. James (1942: 539) via a Amazônia como uma “caricatura da economia brasileira”, pois, metaforicamente, “sempre se buscava colher as frutas sem plantar as árvores”.
- 32 Tanto James como Gourou, por outro lado, inquietavam-se com o “vazio demográfico” que seria a o Norte do Brasil. Pierre Gourou (1949a: 2) explicitava o grande problema dessa região: afinal, como povoar a Amazônia? (Que no final dos anos de 1940 tinha cerca de 0,41 hab/km²).
- 33 Coerentemente com seu pensamento sobre o mundo tropical, observava nosso autor que a fraca densidade demográfica amazônica era menos resultado do “meio” que do declínio cultural e populacional indígena provocado pelo contato com os europeus (Gourou, 1949a: 9-10). É importante verificar ponto a ponto como Pierre Gourou desmistificou os traços deterministas, os quais imputariam às adversidades do meio e do clima os obstáculos para a ocupação da Amazônia, – região que poderia, na sua opinião –, se bem conduzido o planejamento das atividades agrícolas – abrigar no mínimo 50 milhões de almas!
- 34 O aspecto primeiro seria atribuir o “vazio” amazônico ao clima, erro grosseiro, já que se podia observar locais igualmente de clima equatorial e regime pluvial tropical com elevadas taxas demográficas, como Sumatra ou Java (Gourou, 1949a: p.3-4).¹⁰ Por fim, um provável isolamento provocado pela floresta (“aspecto da geografia humana”) não seria também uma explicação, pois que geografia física, a exemplo dos rios, indicaria a grandiosa capacidade de comunicação fluvial da região (Gourou, 1949a: 8-9).¹¹
- 35 Promulgada a Constituição de 1946, a Câmara dos Deputados solicitara por intermédio de sua Comissão Especial do Plano de Valorização Econômica da Amazônia ao Conselho Nacional de Geografia do IBGE um estudo sobre o planejamento econômico da região, o qual teria como produto a delimitação, enquanto área de intervenção, da “Amazônia Legal”, em pesquisa sob responsabilidade de Lúcio Soares (1948), e cujos trabalhos de campo contaram a com a participação de Pierre Gourou, além de João Dias da Silveira e Antônio Rocha Penteadó.

- 36 Em seu estudo, Soares estabelece uma delimitação da região amazônica refutando alguns critérios supostamente mais óbvios ou comuns. Assim, os “limites naturais da Amazônia” não constituiriam o melhor critério, pois

[se], do ponto de vista científico [a] Hileia Amazônica – mesmo com as suas numerosas e extensas clareiras campestres – serve para bem caracterizar a grande unidade geoeconômica da Amazônia, por outro lado o seu vasto domínio não basta, porém, para delimitar a área brasileira que deverá ser considerada “amazônica”, para fins exclusivos de planejamento econômico, encarado o problema do ponto de vista do interesse nacional, e não somente sob o aspecto da sua significação regional ou local. Isto porque, tais limites deixariam de incluir na região onde deverá ser levado a efeito um grande programa de recuperação e valorização econômica, as zonas através das quais passarão as vias de acesso à própria Hileia. (Soares, 1948: 164)

- 37 Sendo insuficiente o uso dos limites da floresta amazônica para delimitação da região de intervenção deste “grande programa”, estabelecer como demarcação a bacia hidrográfica também seria demasiado simplista, pois se pretendia iniciar a planificação da Amazônia por meio da colonização das várzeas e construção de eixos rodoviários partindo do planalto goiano. Segundo Soares (1948, p.166):

Para fins de planejamento econômico, de recuperação e povoamento, a delimitação da Amazônia deve [...] obedecer a outros critérios que não somente os da caracterização natural. Isso porque, em se tratando do planejamento da sua ocupação, temos que considerar outros fatores geográficos, históricos, econômicos e sociais, cuja importância tem sido reafirmada através dos tempos, toda vez que a colonização da Amazônia é tentada. Esta importância ressalta sempre que se estudam as tentativas de ocupação do vale amazônico e os seus repetidos fracassos.

- 38 No caso, os “repetidos fracassos” seriam consequências da história econômica da Amazônia, marcada pelas tentativas de povoamento e ocupação do vale por meio do extrativismo florestal, “cujas fases de intensa atividade” estariam condicionadas à procura de matérias primas pelo mercado exterior. Ao contrário, a agricultura seria a “atividade realmente fixadora do homem à terra” (Soares, 1948: 166).
- 39 As constatações de Gourou publicadas nos *Cahiers d’Outre-Mer* e na RBG (1949a; 1949b) são, mesmo que não necessariamente inéditas, de grande valor para o trabalho desenvolvido pelo CNG. O geógrafo francês distingue no conjunto da região em questão, a “Amazônia Real”, ou seja, a porção territorial restrita aos terrenos terciários, os quais somavam mais ou menos 1,6 milhão de km², com uma largura em torno de 200 a 450 km. Ao contrário do que se imaginou sempre, a Amazônia não seria um imenso delta inundável. Ou seja, os solos da região seriam na verdade, arenosos e pobres – embora não se pudesse atribuir à pobreza do solo a baixa densidade demográfica amazônica. Justamente, à Amazônia Real correspondiam as várzeas e aluviões férteis, (ao invés das terras firmes) onde se encontrava a maior parcela da escassa população (Gourou, 1949a: 5-6).
- 40 Isso posto, as indicações de planejamento para a Amazônia em muito coincidem com as proposições da geografia tropical – e seus limites também. Ou seja, vislumbrava-se a “conquista” da região por meio de modelos de planificação na mesma época pensados para as políticas territoriais no Vale do São Francisco (Lopes, 1950) – explicitamente apoiadas, por sua vez, no caso do vale do Tennessee. Para a região amazônica estaria reservado o planejamento operado pela combinação entre o manejo da agricultura nos vales dos rios – tal como Gourou sustentara em relação ao Sudeste Asiático (*apud*, Soares, 1948: 172) – e a frente pioneira vinda pelo Planalto Central brasileiro.

(...) todo e qualquer plano de valorização da Amazônia, pela recuperação e povoamento, deve cuidar de maneira inteligente e intensiva, primeiramente de realizar a ocupação da “terra de ninguém” que separa a atual faixa pioneira do Planalto Central, da linha de penetração mais meridional das populações amazônicas. Partindo desse princípio verdadeiro sugerimos que, unicamente para fins de planejamento econômico, deva ser considerada como região amazônica em território nacional, todas as terras situadas ao norte e a oeste da frente pioneira do Planalto Central Brasileiro. Outrossim, esta linha deverá colocar na Amazônia não somente a “terra-de-ninguém”, através de cuja conquista deverá ser feita a daquela região, mas também outras unidades antropogeográficas ligadas à Amazônia por razões geográficas, econômicas e culturais. (Soares, 1948: 180-181)

- 41 A condição atribuída por Lúcio Soares à faixa setentrional dos atuais estados de Mato Grosso e Tocantins como “terra-de-ninguém”, separando a Hileia Amazônica da área do Planalto Brasileiro já à época “ocupada”, cabalmente demonstra o ideário segundo o qual ao planejamento – e à ciência, poder-se-ia dizer – competia apagar os traços do território lidos como arcaicos, nele compreendidas as populações locais. Assim, uma das maneiras de viabilizar a penetração econômica na Amazônia seria por meio do Plano Rodoviário Nacional (cuja primeira versão data de 1937), no qual se previam tanto a construção da rodovia Transbrasiliana (ligando Anápolis a Belém) como parte de um “sistema de comunicação flúvio-terrestre, utilizando trechos navegáveis do rio Tocantins”, quanto da “Rodovia Centro-Oeste”, ligação projetada entre Cuiabá e Porto Velho (Soares, 1948: 183-184).
- 42 Do trabalho de Soares (1948: 203) resultou, com efeito, a proposta cartográfica de delimitação da “Amazônia para fins de planejamento econômico”, adotada doravante pelo IBGE.
- 43 É fundamental retermos que, na época em que Gourou faz seu trabalho de campo no Brasil, o geógrafo francês tivera contato com a Organização das Nações Unidas, para cujo (então chamado) Conselho Econômico e Social escrevera um relatório, publicado igualmente nas páginas da RBG (Gourou, 1948b) em que chamava a ONU a investir financeiramente nos países “tropicais”, de forma a fazer da agricultura uma atividade econômica eficaz e de peso. Gourou (1948b: 393) conclamava a ONU nesse relatório o mundo para a “unificação do mundo”, porém, fundamentada em um precário equilíbrio entre nações industrializadas e aquelas fornecedoras de produtos agropecuários.
- 44 Preocupado com os rumos da agricultura brasileira, Afrânio de Carvalho (1948: 539) destacava a conferência “do professor Pierre Gourou, do Colégio de França e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo [...] no Conselho Nacional de Geografia”, ocasião em que o professor francês, em sua breve estada no Brasil, alertava para o problema “do esgotamento dos solos agrícolas por processos de cultura itinerante semelhantes aos nossos”.
- 45 Por ocasião da I Conferência Brasileira de Imigração e Colonização, realizada em Goiânia, entre 30 de abril e 07 de maio de 1949, reveladora da importância dada à “ocupação” – claro que do ponto de vista do Estado – do território no após-guerra Speridião Faissol (1949: 274), sendo a “colonização” uma “ação pública ou privada” objetivando “a utilização da terra por indivíduos nacionais ou estrangeiros, agrupados em famílias e comunidades de pequenos proprietários” dever-se-iam superar “preconceitos de raça, nacionalidade ou religião”.

- 51 Ficam aqui esses breves apontamentos sobre um geógrafo a vinte mil léguas de distância de ser um homem de esquerda; tampouco um reacionário, como Cesaire o pintara, mas sim um liberal, fiel à ideia de uma humanização das relações capitalistas no plano internacional.
-

BIBLIOGRAFIA

- Arnold David (1996). *The problem of nature: Environment, culture and European expansion*. Oxford, Blackwell Publishers.
- Bomfim, Paulo R. de A. (2007). *A ostentação estatística (um projeto geopolítico para o território nacional: Estado e planejamento no período pós-64)*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- Braudel, Fernand (1965). *História e ciências sociais. A longa duração*. Revista de História, Universidade de São Paulo, vol. XXX, n° 62, pp.261-294.
- Broc, Numa (1978). *Nationalisme, colonialisme et géographie: Marcel Dubois (1856-1916)*. Annales de Géographie, vol. 87, n° 48, pp.326-333.
- Bruneau, Michel (2000). *Pierre Gourou (1900-1999)*. Géographie et civilisation. L'Homme, Éditions de l'EHESS, n° 153, pp.7-26.
- Bruneau, Michel; Courade, Georges (1984a). *À l'ombre de la "pensée Gourou"*. Espaces Temps, n° 26-28, pp.67-78.
- _____ (1984b). *Existe-t-il une géographie humaine tropicale ? (À la recherche du paradigme de Pierre Gourou)*. Espace géographique, vol. 13, n°4, pp. 306-316.
- Carvalho, Afranio (1948). *A lei agrária e a geografia*. Revista Brasileira de Geografia. vol. 10, n° 4, pp.535-552.
- Cesaire, Aimé (2006). *Discours sur le colonialisme*, Éditions de l'AAARGH (Association des Anciens Amateurs de Récits de Guerres et d'Holocaustes). Acesso em 08/07/2017. URL: <https://www.socialgerie.net/spip.php?breve718>
- Claval, Paul (2007) *Géographies et géographes (avec la collaboration de Josefina Gómez-Mendoza et Encarnação Beltrão Spirito)*. Paris; Montréal, L'Harmattan.
- Clayton, Daniel; Bowd Gavin (2006). *Geography, tropicality and postcolonialism: Anglophone and Francophone readings of the work of Pierre Gourou*. L'Espace géographique. Vol. 35, n° 3. Acesso em 11/07/2017. URL: <http://www.cairn.info/revue-espace-geographique-2006-3-page-208.htm>
- CMBEU (2008). *Relatório da Comissão Mista Brasil Estados Unidos. Memórias do desenvolvimento*, vol. 1, n° 1, pp.277-336.
- Faisol, Speridião (1949). *Problemas de colonização na Conferência de Goiânia*. Revista Brasileira de Geografia, vol. 11, n° 2, pp.274-278.
- Gallais, Jean (1981). *L'évolution de la pensée géographique de Pierre Gourou sur les pays tropicaux (1935-1970)*. Annales de Géographie, vol. 90, n°498, pp.129-150.
-

- George, Pierre, et al. (1964). *La Géographie Active*. Paris, PUF.
- Gourou, Pierre (1931). *Le Tonkin*. Paris, Exposition Coloniale Internationale.
- _____ (1936). *Les paysans du Delta Tonkinois. Étude de Géographie humaine*. Paris, Les éditions d'art et d'histoire.
- _____ (1948a). A geografia e as civilizações. Os princípios do método geográfico. *Revista Brasileira de Geografia*, vol. 10, nº 2, pp.295-300.
- _____ (1948b). Um programa geográfico de experimentações e de pesquisas em zona tropical. *Revista Brasileira de Geografia*, vol. 10, nº 3, pp.381-396.
- _____ (1949a). L'Amazonie. Problèmes géographiques. *Les Cahiers d'Outre-Mer*, vol. 2, nº 5, pp.1-13.
- _____ (1949b). Observações Geográficas na Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*, vol. 11, nº 3, pp.355-408.
- _____ (1969). *Les pays tropicaux (principes d'une géographie humaine et économique)*. 5^{ème} ed. Paris, Presses Universitaires de France, Collection Pays d'Outre-Mer.
- James, Preston E. (1942). *Latin America*. New York, The Odyssey Press.
- Lacoste, Yves (1965). *Géographie du sous-développement*. Paris, PUF.
- Lopes, Lucas (1950). O Vale do São Francisco. Experiência de planejamento regional. *Revista Brasileira de Geografia*, vol. 12, nº 1, pp.122-136.
- Machado, Monica S. (2002). *A geografia universitária carioca e o campo científico-disciplinar da geografia brasileira*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- Massi, Fernanda P. (1991). *Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na Universidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.
- Mendes, Renato da S. (1950). *Paisagens culturais da Baixada Fluminense*. (Tese de Doutorado), Universidade de São Paulo.
- Nogueira, Carlos E. (2013). *O lugar da fronteira na geografia de Pierre Monbeig*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- Pereira, José V. da C. (1947). Princípios de uma geografia humana e econômica das regiões tropicais. *Revista Brasileira de Geografia*, vol. 9, nº 4, pp.565-574.
- Raison, Jean-Pierre (2009). Pierre Gourou, du pessimisme tropical à l'optimisme raisonné... *Confins*, nº 06. Acesso em 10 de julho de 2017. URL: <http://confins.revues.org/5986>
- Soares, Lúcio de C. (1948). Delimitação da Amazônia para fins de planejamento econômico. *Revista Brasileira de Geografia*, Vol. 10, nº 2, pp.163-210.
- Solotareff, Marion (1996). *Naissance et évolution de la géographie tropicale (1930-1960)*. Claval, Paul; Sanguin, André-Louis. *La géographie française à l'époque classique (1918-1968)*, Paris; Montréal: L'Harmattan, pp.243-258.

ANEXOS

Principais obras de Pierre Gourou

1936 – *Les paysans du delta tonkinois*, Paris, Les éditions d'art et d'histoire.

1940 – *La terre et les hommes en Extrême-Orient*, Paris, Flammarion, 1940.

1947 – *Les pays tropicaux. Principes d'une géographie humaine et économique*, Paris, PUF.

1953 – *L'Asie*, Paris, Hachette.

1970 – *L'Afrique*, Paris, Hachette, 1970.

1971– *Leçons de géographie tropicale*, Paris, Mouton, 1971. Recueil de leçons données au Collège de France de 1947 à 1970.

1973 – *Pour une géographie humaine*, Paris, Flammarion.

Referências a Pierre Gourou ou artigos publicados por ele mesmo na Revista Brasileira de Geografia [RBG]

1947_v9_n4. José Veríssimo da Costa Pereira. *Princípios de uma Geografia Humana e Econômica das Regiões Tropicais*.

1948_v10_n2. Lúcio de Castro Soares. *Delimitação da Amazônia para Fins de Planejamento Econômico*.

1948_v10_n2. Pierre Gourou. *A geografia e as civilizações. Os princípios do método geográfico*.

1948_v10_n3. Pierre Gourou. *Um Programa Geográfico de Experimentações e de Pesquisas em Zona Tropical*.

1948_v10_n4. Afrânio de Carvalho. *A Lei Agrária e a Geografia*.

1949_11_n3. Pierre Gourou. *Observações Geográficas na Amazônia*.

1949_11_n3. Sousa Barros. *Raízes Tropicais do Nordeste*.

NOTAS

1. “Os camponeses do Delta do Tonquim”; região ao norte no Vietnã e desaguadouro do Rio Vermelho.
2. Na década de 1940, Pierre Monbeig – em sua estada de onze anos no Brasil – fizera igualmente um longo trabalho de campo e de pesquisa relacionados à análise regional e fronteira num país de passado colonial e grande extensão territorial (Nogueira, 2013).
3. Claval (2007: 297) nos informa sobre uma breve passagem de Gourou, entre 1933 e 1936, pela Universidade de Hanói.
4. “Office de la Recherche Scientifique d’Outre-Mer” em francês, mais tarde denominado ORSTOM – Office de la Recherche Scientifique et Technique d’Outre-Mer, fundado em 1945.
5. O referido centro de estudos foi um dos laboratórios de geografia criados pelo Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS).
6. Nas palavras de Braudel (1965: 268-269) – muito ligado pessoal e academicamente a Gourou, “Para nós, historiadores, uma estrutura é, sem dúvida, um conjunto, uma arquitetura, mas é mais ainda uma realidade que o tempo usa mal e veicula demoradamente. Certas estruturas, por viverem muito tempo, tornam-se elementos estáveis de uma infinidade de gerações: embaraçam a história, incomodam-na, e assim comandam seu fluxo. Outras estão mais prontas a serem destruídas. Mas tôdas são, por sua vez, sustentáculos e obstáculos. Como obstáculos, elas se marcam como limites (envoltórios, no sentido matemático), dos quais o homem e suas experiências não podem libertar-se. Pense-se na dificuldade de quebrar certos quadros geográficos, certas realidades biológicas, certos limites da produtividade, até mesmo certas

sujeições espirituais: os quadros mentais são também prisões de longa duração. O exemplo mais acessível parece ainda o da sujeição geográfica, O homem é prisioneiro, há séculos, de climas, vegetações, populações animais, culturas, de um equilíbrio lentamente construído, do qual não pode se afastar sem correr o risco de tudo reformular. Veja-se o papel da transumância na vida montanhosa, a permanência de certos setores de vida marítima, enraizados em certos pontos privilegiados das articulações litorâneas, a durável implantação das cidades, a persistência das rotas e tráficos, a fixidez surpreendente do quadro geográfico das civilizações”.

7. Marcel Dubois (1856-1916) leciona a disciplina de Geografia Colonial a partir de 1885 na Sorbonne, tornando-se seu titular em 1892. Foi um dos incentivadores da criação dos *Annales de Géographie* junto com Vidal de la Blache. Sucederam-no em tal Cadeira Augustin Bernard, Marcel Larnaud e Charles Robequain (Broc, 1978).

8. Um dos primeiros colóquios promovidos pelo CEGET, então dirigido por Guy Lasserre, teve como tema a regionalização do Brasil, contado com a participação de Manuel C. de Andrade; Lysia M. C. Bernardes; Horacio Capel; Paul-Yves Denis; Catharina Vergolino Dias; Celso Furtado; Pedro Pinchas Geiger; Alfredo Fernandes Martins; Suzanne Ribeiro-Daveau; Orlando Ribeiro; Milton Santos; Soeiro de Brito; Jean Vila Valenti; Claude Bataillon; Jean Cabot; Pierre Colin Delavaud; Anne-Marie Cotten; Pierre Deffontaines; Jean Delvert; Jean Demangeot; Olivier Dollfus; Michel Foucher; Jean Gallais; Pierre George; Pierre Gourou; Etienne Juillard; Bernard Kayser; Guy Lasserre; Yves Leloup; Bernard Marchand; Pierre Monbeig; Michel Rochefort; Gabriel Rougerie; Pierre Vennetier (Bomfim, 2007: 131).

9. Na síntese de Jean-Pierre Raison (2009), o pensamento de Gourou também se modifica, ao passar de um “pessimismo” tropical a um “otimismo racional”.

10. Atribuir a escassez demográfica ao clima à “insalubridade” também não seria explicação plausível porque, a despeito dos índices de doenças ditas como “tropicais”, a situação na Amazônia não seria diferente de outras regiões, a exemplo de localidades populosas na África e na Ásia (Gourou, 1949a: 5).

11. A facilidade de comunicação seria atestada pelas línguas indígenas, algumas, como as línguas aruaques e caraíbas, faladas por grupos localizados desde as Guianas, passando Antilhas ou mesmo Flórida (Gourou, 1949a: 9).

RESUMOS

Nome frequentemente associado à chamada “geografia tropical”, o geógrafo francês Pierre Gourou (1900-1999) dedicou sua carreira a pensar a temática da superação do subdesenvolvimento para além da Europa, sobretudo, nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial. Herdeiro da tradição de Vidal de La Blache, Gourou foi também intimamente ligado aos conceitos de civilização e longa duração, de tradição braudeliana. Para ele, civilização comporia o conjunto de técnicas de exploração da natureza, de técnicas agrícolas e de técnicas industriais, por meio das quais se organizaria o espaço, sendo o elemento humano um componente da paisagem. Gourou foi um dos principais articuladores de publicações e trabalhos sobre os “trópicos”, a partir da Universidade Bordeaux. Foi alvo também de inúmeras críticas a partir dos anos de 1960/1970, quando elementos sociais e econômicos se tornam chaves explicativas de maior precisão para entender o subdesenvolvimento. Particularmente, destaca-se aqui a participação de Gourou nos primórdios do planejamento da Amazônia empreendido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

The French geographer Pierre Gourou (1900-1999), who is often associated to so-called "tropical geography", devoted his career to think about how overcome the underdevelopment beyond Europe, especially in the years following World War II. Receiving traditions lessons of Paulo Vidal de La Blache, Gourou was also closely linked to the concepts of civilization and long duration, concepts coming from Braudelian tradition. For him, civilization would comprise the set of techniques dedicated to exploring nature, agriculture and industry, through which space would be organized, the human element being a component of landscape. Gourou was one of the main articulators of publications and works about "tropics", from Bordeaux University. He has also been the subject of numerous criticisms since the 1960s and 1970s, when social and economic elements become more precise keys to understand underdevelopment. Particularly noteworthy here is the participation of Gourou in the beginnings of the Amazonian planning undertaken by the Brazilian Institute of Geography and Statistics.

Nombre frecuentemente asociado a la llamada "geografía tropical", el geógrafo francés Pierre Gourou (1900-1999) dedicó su carrera a pensar la temática de la superación del subdesarrollo más allá de Europa, sobre todo, en los años siguientes a la Segunda Guerra Mundial. Heredero de la tradición de Vidal de La Blache, Gourou fue también íntimamente ligado a los conceptos de civilización y larga duración, de tradición braudeliana. Para él, civilización compondría el conjunto de técnicas de exploración de la naturaleza, de técnicas agrícolas y de técnicas industriales, por medio de las cuales se organizaría el espacio, siendo el elemento humano un componente del paisaje. Gourou fue uno de los principales articuladores de publicaciones y trabajos sobre los "trópicos" a partir de la Universidad de Burdeos. También fue objeto de numerosas críticas a partir de los años 1960/1970, cuando elementos sociales y económicos se convierten en claves explicativas de mayor precisión para entender el subdesarrollo. En particular, se destaca aquí la participación de Gourou en los primordios de la planificación de la Amazonia emprendida por el Instituto Brasileño de Geografía y Estadística.

Le géographe français Pierre Gourou (1900-1999), nom souvent associé à la soi-disant «géographie tropicale», a consacré sa carrière à penser à surmonter le sous-développement au-delà de l'Europe, en particulier dans les années qui ont suivi la Seconde Guerre mondiale. Héritier de la tradition de Paul Vidal de La Blache, Gourou était également étroitement liée aux concepts de civilisation et de longue durée, de la tradition braudélienne. Pour lui, la civilisation comprendrait l'ensemble des techniques d'exploration de la nature, des techniques agricoles et des techniques industrielles, par lesquelles l'espace serait organisé, l'élément humain étant une composante du paysage. Gourou a été l'un des principaux articulateurs de publications et d'œuvres sur les "tropiques" a partir surtout de l'Université de Bordeaux. Il fut également objet de nombreuses critiques depuis les années 1960 et 1970, lorsque les éléments sociaux et économiques deviennent des clés explicatives plus précises pour comprendre le sous-développement. Il est particulièrement intéressant de noter la participation de Gourou aux débuts de la planification amazonienne réalisée par l'Institut brésilien de géographie et de statistique.

ÍNDICE

Índice geográfico: Brasil, Amazônia, Sudeste Asiático, França

Índice cronológico: 1930-1980

Mots-clés: géographie française, échange franco-brésilien, civilisation, géographie tropicale, Amazon

Palabras claves: geografía francesa, intercambio franco-brasileño, civilización, geografía tropical, Amazonia

Palavras-chave: geografia francesa, intercâmbio franco-brasileiro, civilização, geografia tropical, Amazônia

Keywords: French geography, Franco-Brazilian exchange, civilization, tropical geography, Amazon

AUTOR

PAULO ROBERTO DE ALBUQUERQUE BOMFIM

Doutor em Geografia Humana (USP); professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia de São Paulo – IFSP